



HS123-A – TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA III

**PROFA ADRIANA GRACIA PISCITELLI
PROFA CAROLINA BRANCO
PROFA NATALIA CORAZZA PADOVANI**

1º SEMESTRE/2017

PENSAMENTO PÓS-COLONIAL, DECOLONIAL E FEMINISMOS

A proposta do curso, que está organizado em torno de 3 eixos, é analisar os diálogos entre feminismos e formulações teóricas pós-coloniais e decoloniais, considerando a relação de parte da produção feminista brasileira com essas formulações.

Os estudos sobre teorias pós-coloniais ressaltam o desafio por elas colocado para as formas estabelecidas de análise cultural que, privilegiando modelos e conteúdos da cultura de países europeus, reproduzem a lógica da relação colonial. Nessas leituras, a principal contribuição das perspectivas pós-coloniais é iluminar as interconexões entre produção cultural e aspectos vinculados à raça, à nação e ao império. A emergência do pensamento crítico decolonial colocou outros pontos em discussão. Argumentando que as teorias pós-coloniais mantêm relações com as heranças coloniais do império britânico e procurando formular críticas do “ocidentalismo” a partir de América Latina, diversos autores questionam o “imperialismo” dos estudos pós-coloniais.

As críticas feministas se relacionaram de diversas maneiras as formulações do pensamento pós-colonial e decolonial. No âmbito dos feminismos pós-coloniais, as críticas à produção do conhecimento se voltaram também para o feminismo “Ocidental”, rejeitando formulações produzidas no marco de interesses articulados em países do Norte. Um dos principais questionamentos foi a produção da categoria “Mulher do Terceiro Mundo”, que delineia uma imagem de mulher estável, padronizada, vitimizada, com escassa educação, limitada pelas tradições, voltada para a domesticidade e para a família. As críticas feministas pós-coloniais problematizaram a essencialização das culturas que permeia a produção dessa imagem e o modelo de poder que a sustenta: a percepção de uma opressão feminina homogênea, desestabilizando esse modelo mediante uma análise que leve seriamente em conta a agência/*agency* e o pensamento crítico e diversificado das mulheres e das organizações mediante as quais elas enfrentam as opressões que as afetam em diferentes partes do mundo. Essas abordagens ofereceram férteis contribuições para a teoria



social, mediante o trabalho com as articulações entre gênero, sexualidade, raça, etnicidade e estratificações baseadas na nacionalidade e uma leitura nuançada das operações das relações de poder, levando em conta dimensões macro e micro-políticas e seus efeitos nas subjetividades.

Já as feministas decoloniais parecem oferecer uma leitura diferente dessas articulações, mediante uma noção de interseccionalidade que afirma a formulação da ideia de raça como o elemento central do colonialismo e como ponto mais relevante do conceito de colonialidade do poder. Nessas perspectivas, gênero seria sobretudo uma noção central para o projeto colonial, utilizado pelo capitalismo colonial global, que o tornou aspecto central na estruturação das assimetrias de poder.

A proposta do curso é por em diálogo esses debates com parte da produção feminista no Brasil, particularmente de feminismos às vezes considerados como “não centrais”, como o feminismo negro e até rejeitados por correntes do pensamento feminista, como o “putafeminismo”, protagonizado por trabalhadoras sexuais. Com esse fim, além da leitura de textos acadêmicos, será trabalhado material disponível em web sites, blogs e páginas do face-book.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÓN, Norma. “Anzaldúa’s Frontera: Inscribing Gynetics.” *Chicana Feminisms: A Critical Reader*. Gabriela Arredondo, Aída Hurtado, Norma Klahn,; Olga Nájera-Ramirez e Patricia Zavella (eds). Durham: Duke University Press, 2003, p. 354-369.

ANZALDÚA, Gloria. “La conciencia de La mestiza/ Rumo a uma nova consciencia.” *Revista Estudos Feministas* 13.3 (2005), p. 704-719.

BAIROS, Luiza. "Lembrando Lélia Gonzalez." *WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa e WHITE, Evelyn C. O livro da saúde das mulheres negras—nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro, Criola/Pallas (2000).*

BAIROS, Luiza. "Mulher negra: o reforço da subordinação." *Desigualdade racial no Brasil (1991).*

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* [online]. 2013, n.11 [cited 2016-10-18], pp.89-117.

CARNEIRO, Sueli. "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero." *Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora (2003): 49-58.*

CARNEIRO, Sueli. "Gênero e raça." *Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: Editora 34 (2002): 154-193.*



- CARNEIRO, Sueli. "Gênero, raça e ascensão social." *Estudos Feministas* 3.2 (1995): 544-552.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discourse on colonialism*. NYU Press, 2000.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. Routledge, 2002.
- COSTA, Claudia Lima: Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber, Fragmentos, número 39, p. 045/059 Florianópolis/ jul - dez/ 2010
- DAVIS, Angela Y. *Women, race, & class*. Vintage, 2011.
- FANON, Frantz, and Renato da Silveira. *Pele negra, máscaras brancas*. SciELO-EDUFBA, 2008.
- FANON, Franz (2010). *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF.
- GONZALEZ, Lélia, and Carlos Alfredo Hasenbalg. *Lugar de negro*. Vol. 3. Editora Marco Zero, 1982.
- GONZALEZ, Lélia. "A categoria político-cultural de amefricanidade." *Tempo Brasileiro* 92/93 (1988): 69-82.
- GONZALEZ, Lélia. "A mulher negra na sociedade brasileira." *O lugar da mulher* (1982): 87-106.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- LEITE, Gabriela Silva. *Eu, mulher da vida*. Editora Rosa dos Tempos, 1992.
- LEITE, Gabriela Silva. *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Editora Objetiva, 2008.
- LUGONES, María. "Heterosexualisms and the Colonial / Modern Gender System" en *Hypatia* 22.1 (2007), p.186-209.
- MATOS, Marlise. "Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do movimento sul global." *Revista de Sociologia Política*: 67-92.
- MIGNOLO, Walter (2007b). "El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto", em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFUGUEL, Ramon (coords.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar.
- MIGNOLO, Walter (1998). "Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina", em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & MENDIETA, Eduardo (coords.). *Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate*. México: Miguel Ángel



Porrúa.

Mohanty, Chandra Talpade. "Under Western eyes: Feminist scholarship and colonial discourses." *Feminist review* 30 (1988): 61-88.

MOIRA, Amara: *E se eu fosse puta*, Hoo editora, 2016.

MUFTI, Aamir, et al. "Dangerous Liaisons: Gender, Nation, and Postcolonial Perspectives." (1997): 89.

PRADA, Monique: Prostituição, "O desafio é não se submeter ao desejo alheio", Carta Capital, 24/06/2015, <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/monique-prada-9583.html>

QUIJANO, Aníbal (2000). "Colonialidad del poder y clasificación social". *Journal of world-systems research*, v. 11, n. 2, p. 342-386.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Editora UFMG,